

ATRAVÉS DE NUMA ABORDAGEM COGNITIVA

Sandra Bernardo (UERJ / PUC-Rio)

Resumo: Com base na abordagem cognitiva, apresento uma análise preliminar dos usos de *através de*, a fim de mostrar que seus sentidos mais abstratos, muitas vezes rechaçados pela gramática tradicional, expressam uma tendência recorrente na trajetória da significação das formas lingüísticas. A partir dos postulados de GRENFELL [2004] incluo tal locução prepositiva na classe dos conectores, que, metaforicamente, posicionam objetos (entidades, processos, eventos) uns em relação aos outros no espaço, no tempo e na lógica discursiva. Essa conceitualização é estruturada pela metáfora do CANAL e pelas metáforas TEMPO É UM OBJETO IMÓVEL, ATRAVÉS DO QUAL ALGUÉM(ALGO) SE MOVE e CAMINHO É UMA SUPERFÍCIE [LAKOFF E JOHNSON, 2002].

Apresento, neste artigo, postulações iniciais sobre a descrição do uso de *através de* numa visão cognitiva, objetivando mostrar que alguns empregos considerados inadequados numa visão normativa expressam a tendência da língua de, por meio de projeções metafóricas, incorporar sentidos abstratos a formas lingüísticas que exprimem noções espaciais.

Discussões entre alunos e professores sobre uma suposta inadequação de alguns empregos de *através de*, como em *Conseguiu a promoção **através de** atitudes antiéticas*, em comparação com *A bola passou **através da** rede*, motivaram as reflexões tecidas aqui. Não acredito na recomendação de que tal forma só pode ser usada para expressar o sentido de atravessar de um lado a outro, em razão do uso recorrente dessa locução com sentido de *por meio de*. Além disso, mesmo entre representantes da norma gramatical, há quem explicita essa possibilidade.

A fim de alcançar o objetivo proposto, parto, além de noções basilares da Lingüística Cognitiva, do trabalho de GRENFELL [2004], para quem as chamadas locuções prepositivas integram a categoria dos conectores (juntamente com as tradicionais preposições e conjunções), como “construtos sociocognitivos” que desempenham a função de estabelecer “posições relativas dentro de um espaço (...), relacionando entidades, processos e relações atemporais” [p. 108].

Nesse sentido, as locuções prepositivas (e preposições) denotam prototipicamente a noção de espaço, que se torna gradativamente abstrata para representar relações temporais, concebendo o tempo como espaço percorrido, e relações lógicas, como causa-conseqüência, meio-fim.

A reflexão sobre os usos de *através de* partirá, na próxima seção, de uma síntese da descrição dessa forma em gramáticas normativas e em compêndios lingüísticos com visões alternativas à tradicional. Em seguida, na segunda seção, serão apresentados os pressupostos básicos do arcabouço sociocognitivo. Por último, será apresentada a abordagem cognitiva para os

empregos de *através de*.

1) *Através de* na norma gramatical e outras visões

Ao buscar informações sobre emprego de *através de* em gramáticas normativas, usuários da língua não encontram menção à norma de uso de tal forma. De modo geral, após conceituar preposições e locuções prepositivas, as gramáticas apresentam listas desses vocábulos.

ROCHA LIMA [1996] define as preposições como elementos responsáveis pela subordinação de um elemento da frase a outro, tornando o segundo complemento do primeiro. Diferencia preposições fortes, que exprimem significação, como *contra*, *entre*, *sobre*, e fracas, que não expressam significado em si mesmas, apenas um sentido de relação fornecido pelo contexto, como *a*, *com*, *de*. Classifica as preposições com base na relação que denotam: lugar, tempo, modo, instrumento, causa e fim. As locuções prepositivas são definidas como “*duas ou mais palavras que desempenham papel de preposição*” [p. 181]. ROCHA LIMA não aborda o emprego dessas locuções.

CUNHA E CINTRA [2001] apresentam definição semelhante à de ROCHA LIMA [*op. cit.*] e classificam as preposições conforme o significado baseado nas noções de movimento e situação (ausência de movimento), aplicada aos campos espacial, temporal e nocional. Os dois primeiros critérios não causam dúvida. A partir de exemplos fornecidos pelos autores, como “*Todos saíram **de** casa cedo*” e “*Trabalha **de** 8 às 8 todos os dias*” [p. 557], os usuários podem conferir os sentidos que determinam a classificação proposta. Contudo, o critério nocional, exemplificado em “*Chorava **de** dor*” e “*Livro **de** Pedro*” [p. 557], em que a preposição *de* estabelece relação de causa e posse, respectivamente, sem uma explicação pode gerar dúvida¹.

Para esses autores, as locuções seriam preposições compostas, as quais são apenas enumeradas, não sendo, portanto, submetidas aos mesmos critérios utilizados na classificação das preposições. As locuções, entre as quais o *através de*, são apenas listadas.

BECHARA [1999] conceitua as preposições como índices de função gramatical, desprovidas de independência, que podem realizar a transposição de um substantivo a adjetivo, como em “*homem **de** coragem*” [p. 296]. Segundo o autor, os significados fundamentais das preposições desdobram-se em outros significados contextuais, classificadas, em termos se-

¹ Em MATTOS E SILVA [1989, p. 622, *apud* POTTIER, 1968, p. 144], o critério nocional é referenciado como figurado ou metafórico a partir das relações temporal e espacial, consideradas básicas.

mânticos, pelos traços de dinamicidade (física ou figurada) e não-dinamicidade, em referência ao espaço e ao tempo.

A definição de locução prepositiva de BECHARA [*op. cit.*], “grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição” [p. 301], assemelha-se à de ROCHA LIMA [*op. cit.*]. Antes de passar ao emprego das preposições essenciais, o autor apresenta uma única lista de preposições e locuções prepositivas, podendo gerar mais dúvidas quanto a que grupo de vocábulos essas últimas pertencem.

O emprego das locuções não é tratado por BECHARA [*op. cit.*], apenas seu padrão estrutural: formadas, em geral, por advérbio ou locução adverbial seguida das preposições *de*, *a* ou *com*. Segundo o gramático, substantivos também entram na formação de locuções prepositivas – *à(s) custa(s)*, *em via(s) de* –, bem como outras preposições, como no caso de *para com* [p. 301].

Como o *através* não é listado entre os advérbios (nem entre palavras denotativas) nessas três gramáticas, somente por eliminação o aluno pode chegar à conclusão de que *através de* seria formado por advérbio e preposição, dado caráter invariável de *através*. Todavia dúvidas quanto à classe dessa forma seriam esperadas em razão da escassez descritiva.

Caso o usuário da língua recorra a dicionários, encontrará a mesma flutuação quanto à classe de *através (de)*, como pude verificar em dois dos principais dicionários da língua portuguesa. Nos dicionários eletrônicos de AURÉLIO e HOUAISS, constata-se inicialmente a informação de que *através* é advérbio, denotando de ‘lado a lado’, ‘transversalmente’, ‘atravessadamente’ e ‘de atravessado’ (apenas em HOUAISS), mas há diferenças na forma de apresentação do verbete.

No dicionário AURÉLIO, após a classificação de *através*, sem qualquer exemplo, observam-se os sentidos mais usuais de *através de*, sem menção à sua classe, o que pode levar usuário a supor que se trata da mesma classe de *através*. Já no HOUAISS, o advérbio *através*, seguido de um exemplo pouco usual – “uma grande árvore caída *através na estrada*”² –, encontra-se em ficha separada daquela em que se verifica a locução *através de* e suas acepções.

Em ambos os dicionários, são apresentados os seguintes sentidos para *através de*, que expressam a noção de atravessar no espaço ou no tempo: ‘por entre’, ‘de um lado para outro lado’, ‘no decurso de/no decorrer de’. Em HOUAISS, além do detalhamento dos sentidos bási-

² É interessante ressaltar que o exemplo de emprego de *através* contraria a recomendação de usar a preposição *de* antes substantivo, a fim de evitar galicismo como “através os campos”.

cos, verificam-se os registros figurados de ‘mediante’ e ‘por meio de’ (“*educar através de exemplos*”) de *através de* e a etimologia de *através*: *a* + *través*, do latim *transverse* ‘obliquamente’. Esse étimo também registrado no dicionário etimológico de CUNHA [1982], que caracteriza *através* como advérbio.

Portanto, entre as gramáticas tradicionais, observei uma descrição lacunar sobre as locuções prepositivas, limitada à definição por analogia com o papel desempenhado pelas preposições e à condição da presença dessas no final da locução, na maioria dos casos o *de*. Tal lacuna descritiva abarca a falta de clareza e regularidade quanto aos elementos que formam a locução e a ausência de explicações sobre os sentidos e o emprego das locuções.

Especificamente, quanto ao emprego de *através de*, entre os representantes da abordagem tradicional, encontrei uma exceção no trabalho de ALMEIDA [1996], em cuja obra o usuário poderia se basear acerca de seu uso, a saber:

Através de – (...) exige depois de si a preposição *de*; constitui horripilante galicismo a omissão da preposição (...) Não menos horripilante é o emprego de *através de* no agente da passiva (...) não se deve por outro lado cair no exagero oposto de julgar que a locução só é possível quando significa “de um lado para o outro”, “de lado a lado”. [p. 57].

Em algumas abordagens alternativas à tradicional, é possível encontrar descrições voltadas para o papel sintático e semântico da preposição. Na gramática de MATEUS ET AL. [2003, p. 391ss], em seção dedicada à descrição do sintagma preposicional (SP), as preposições e locuções prepositivas são tratadas como categorias relacionais, por isso não ocorrem isoladamente. As autoras descrevem as posições e valores sintáticos dos SP com base no arcabouço gerativista; porém, para um estudo detalhado dos valores das preposições e principais locuções prepositivas, recomendam a abordagem de CUNHA E CINTRA [*op. cit.*].

MATEUS ET AL. dividem as preposições e locuções em três classes conforme o papel que desempenham na seleção de papel temático (meta, fonte, locativo, beneficiário) do complemento que introduzem. Embora o tratamento dado às preposições também seja dedicado às locuções prepositivas nos títulos das seções, todos os exemplos analisados apresentam preposições simples. Nesse sentido, cumprido o objetivo manifesto de abordar o SP, não há uma descrição detalhada das locuções prepositivas na referida gramática. As autoras também apresentam uma lista das locuções, em que figura o *através de*.

NEVES [2000] trata de preposições e locuções prepositivas na parte da sua gramática de orientação funcionalista dedicada aos elementos lingüísticos que ligam palavras, sintagmas, orações, parágrafos, capítulos etc., ou seja, porções micro e macro-textuais. Classifica deta-

lhadamente as preposições quanto ao sentido e às relações estabelecidas para operar a transitividade. Não discute sobre possíveis diferenças entre preposições e locuções prepositivas, estas, assinaladas parenteticamente como uma classificação tradicional, aparecem quando se reporta ao padrão estrutural de construções formadas por preposições: “*com+nome+preposição a*” [p. 639], por exemplo.

Logo, como o objetivo de NEVES é apresentar o uso das construções formadas por preposições que atuam na transitividade, é justificada a ausência de uma discussão sobre preposições e locuções prepositivas pertencerem a classes distintas ou não, o que seria secundário para um usuário em busca de explicações sobre emprego das preposições. Contudo, a autora repete a tendência de destacar construções formadas pelas chamadas preposições simples e de não ilustrar o uso de *através de*.

DIAS [1995], em estudo dedicado às locuções prepositivas, propõe que estas são uma subclasse das preposições. Para tal, a autora baseia-se em quatro critérios: conteúdo semântico, emprego, complementos e possibilidade de expansão. Em termos semânticos, tanto preposições quanto locuções prepositivas exprimem noções circunstanciais, como tempo, lugar, espaço. Quanto ao emprego, as duas formas desempenham a mesma “*função de estabelecer relação entre dois termos da oração, subordinando um ao outro*” [p. 200].

No que se refere ao tipo de complemento, embora as locuções selecionem elementos nominais, assim como ocorre com as preposições, é possível que orações reduzidas de infinitivo complementem tais formas. Em se tratando da possibilidade de expansão, se comparadas às preposições, as locuções seriam “*uma classe razoavelmente aberta*” por serem formadas de “*elementos de classes aberta, como os substantivos*” [DIAS, 1995, p. 201].

Entre os estudos que revêem a abordagem tradicional, destaco ainda a posição de CAMARA JR. [1987], para quem as preposições, como elementos de relação, integram juntamente com as conjunções, a classe dos conectivos, com base no critério morfossemântico, já que não se flexionam nem pressupõem em si mesmos “*qualquer elemento do universo biossocial*” [p. 80]. Segundo o lingüista, preposições são vocábulos “*que servem de morfema de relação para subordinar um substantivo (...) como adjunto a outro substantivo ou como complemento a um verbo*” [1977, p. 198].

De acordo com CAMARA JR. [1977], uma locução consiste na reunião “*de dois vocábulos que conservam individualidade fonética e mórfica, mas constituem uma unidade significativa para determinada função*” [1977, p. 162]. Esse conceito, que abarca todos os tipos de lo-

cução (prepositiva, conjuncional, nominal, verbal), apresenta a vantagem de não ser circular como as definições da gramática tradicional. Para chegar à definição de locução prepositiva nos termos do autor, bastaria acrescentar ao final dessa conceituação a função de subordinante, ou seja, “(...) *uma unidade significativa*” com função *subordinativa* [1987, p. 80].

Apesar de não mencionar explicitamente o *através de*, CAMARA JR. [1985] organiza preposições e locuções prepositivas em dois planos de significação gramatical que se aproxima do que será apresentado em uma visão cognitiva.

Um primeiro, mais concreto, é o das localizações no espaço, e, por extensão, no tempo. Daí decorre um segundo plano de empregos modais, com conceituações, metaforicamente deduzidas, de estado, origem, posse, finalidade, meio, causa, objetivo, e assim por diante. Desta sorte, o pequeno grupo das preposições essenciais portuguesas, todas de proveniência latina, opera em dois sentidos, e, na base de sua aplicação locativa, cada partícula desenvolve um conjunto de noções abstratas, complexo e sutil. [p. 177].

O quadro de preposições, segundo CAMARA JR. [1985, p. 182], é enriquecido por uma série aberta de locuções prepositivas que apresentam três padrões morfológicos: *advérbio+preposição de* ou *a* (atrás de, junto a); *preposição+preposição* (por cima de, abaixo de) e *preposição+nome+preposição* (em consequência de, por causa de).

Portanto, expostos os posicionamentos sobre locuções prepositivas de alguns gramáticos e estudiosos que se dedicaram a refletir sobre tais vocábulos, passo aos pressupostos da abordagem cognitiva.

2) Noções basilares da abordagem (sócio)cognitiva

Os estudos de base sociocognitiva congregam uma busca de descrições que abarquem os aspectos sociais e cognitivos envolvidos nos fenômenos lingüísticos. Nesse arcabouço, a linguagem é concebida

como operadora da conceptualização socialmente localizada através da atuação de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais, a serem sancionadas no fluxo interativo. Em outras palavras, a hipótese-guia é que o sinal lingüístico (em concomitância com outros sinais) guie o processo de significação diretamente do contexto de uso. [SALOMÃO, 1999, p. 64, grifos da autora].

Tal hipótese se alinha com o realismo experiencial de PUTNAM [1992], para quem a linguagem não é uma representação objetiva da realidade, mas da forma como os seres humanos a percebem e a experienciam. Dentro dessa visão internalista de realidade, o significado lingüístico é incorporado, personificado; surge a partir da capacidade biológica e das experiências físicas e socioculturais captadas do meio ambiente. Assim, conceitos podem ser metafori-

ca e socialmente estruturados, já que o significado social se desenvolve internamente a partir de modelos e processos cognitivos particulares dos seres humanos.

Isso é possível devido à capacidade exclusiva da cognição humana que permite ao homem (i) identificar seus semelhantes “*como seres mentais e intencionais*”, (ii) “*adquirir e usar representações cognitivas perspectivas na forma de símbolos lingüísticos (e analogias e metáforas)*” e (iii) “*internalizar certos tipos de interações discursivas, o que promove a capacidade de metacognição, redescrição representacional e pensamento dialógico*” [TOMASELLO, 2003, p. 13-14]. Segundo o autor, o aspecto (i) da cognição humana está ligado à sua filogênese³; (ii) e (iii), à sua ontogênese.

A gramática cognitiva (GC) relaciona-se à idéia de que as estruturas que a integram emergem de uma visão compreensiva e unificada da organização lingüística em termos do processamento cognitivo (conceptualização). Nesse sentido, diferentemente de outras abordagens, tal gramática permite: (i) tratar de imagens, ao invés de estudar o significado com um aparato derivado da lógica formal, baseado apenas em cálculos de condições de verdade; (ii) argumentar pela inseparabilidade entre sintaxe e semântica, em oposição à sintaxe (gramática) como um sistema autônomo formal; (iii) buscar uma explicação integrada para as várias faces da estrutura lingüística, em contraposição ao postulado de domínios separados para a linguagem e outros aspectos da cognição [LANGACKER, 1987].

Uma das questões centrais em estudos lingüísticos é a natureza do significado e como se lida com ele. Logo, a linguagem figurada (metáfora, expressões idiomáticas, extensão semântica), geralmente pouco explorada pelas teorias gramaticais formais, é o cerne da GC, que busca um modo de conceber e descrever as estruturas lingüísticas, acomodando tal linguagem como um fenômeno natural e esperado ao invés de algo especial ou problemático. Segundo LANGACKER [1987], o significado é um fenômeno cognitivo, por isso deve ser analisado como tal. A estrutura semântica não é universal, porém está baseada em imagens convencionais, sendo, assim, caracterizada em relação a estruturas do conhecimento.

Entre as estruturas cognitivamente motivadas cruciais para a construção do significado e para interpretação da linguagem, encontram-se os espaços mentais, que, embora sejam independentes da estrutura lingüística, estruturam representações parciais de quadros, crenças, esperanças, histórias, atitudes proposicionais, realidades hipotéticas, situações localizadas no

³ A filogênese humana propiciou “*novas formas de aprendizagem cultural e sociogênese, que levou a artefatos culturais e tradições comportamentais que acumularam modificações ao longo do tempo histórico*” [TOMASELLO, 2003, p. 13].

tempo ou no espaço, domínios definidos temática ou topicamente, domínios quantificados etc., correspondendo, assim, ao *entendimento* de uma sentença dentro de um contexto [FAUCONNIER, 1994].

As manifestações superficiais da linguagem, expressas pelas sentenças, propiciam instruções parciais (subdeterminadas) para: (i) a construção de domínios; (ii) a divisão de informação através de diferentes domínios; (iii) a estruturação interna de elementos e relações dentro de cada domínio; (iv) a construção de conexões entre elementos de diferentes domínios, bem como entre os próprios domínios. Nesse sentido, a linguagem é considerada uma manifestação superficial dessas construções cognitivas, altamente abstratas, porém dependentes da linguagem para que a interpretação do significado se efetive.

A concepção de que a habilidade lingüística dos humanos não se encontra em um componente separado da cognição confere interdisciplinaridade à GC, que se vale de conceitos desenvolvidos em outras áreas. Entre tais os estudos, encontram-se as pesquisas sobre categorização desenvolvidas na psicologia, tomada por LAKOFF [1987] como uma questão central à compreensão do pensamento. Como consequência de nossa habilidade de categorizar entidades, informações, eventos, situações, seqüência de eventos ou de situações como recorrentes, estereotipadas, surgem os *frames* e modelos cognitivos idealizados (MCIs).

Os *frames* consistem em quadros montados para estruturar compreensões sobre a maneira como o mundo funciona [GOFFMAN, 1974]. Os MCIs, esquemas conceptuais, “*conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis*” que desempenham “*papel crucial na cognição humana, qual seja, o de possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos*” no dia a dia [MIRANDA, 1999, p. 83]. *Frames* e MCIs facilitam o processo de inferência e raciocínio, ao tornar disponíveis todas as informações relacionadas a uma categoria.

O processo de categorização envolve ainda a noção de prototipicidade, já que, em toda categoria, podem existir elementos que não se encaixem exatamente no padrão estabelecido para o item que está no centro, corporificado, a partir do qual os demais se expandem. Assim, os itens que integram uma categoria são ordenados radialmente da instância central para representantes periféricos, do mais corporificado ao menos corporificado, ou seja, do mais concreto ao mais abstrato.

Outro conceito caro à abordagem cognitiva é o de mesclagem (*conceptual blending*). É concebido como um processo de integração conceptual, ao lado dos processos de imaginação

e identificação, essencial ao pensamento mais simples, entre os quais a categorização, por isso muitas vezes se processa sem a tomada de consciência pelos falantes. A mesclagem conceptual caracteriza-se pelo mapeamento e pela projeção de Espaços-fonte (*input*) no Espaço-mescla, que herda estruturas parciais dos dois *inputs*.

Os conceitos resumidos acima fundamentam o tratamento dado às locuções prepositivas por GRENFELL [2004], bem como minhas reflexões preliminares, conteúdos a serem expostos na próxima seção.

3) Uma abordagem (sócio)cognitiva para *através de*

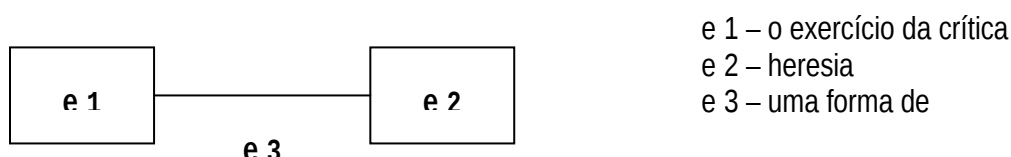
GRENFELL [2004, p. 66] postula que as locuções prepositivas, ao lado das preposições e conjunções, constituem a categoria radial dos conectores, o que lhe permite abandonar a distinção entre classes abertas e fechadas, enfraquecendo um dos critérios que, segundo DIAS [1995], diferenciariam preposições e locuções prepositivas. Para evidenciar o modo como os conectores relacionam entidades e eventos, a autora trabalha com o conceito de predicação de LANGACKER [1987, 1991].

Para LANGACKER [1987, 1991], os vocábulos seriam distribuídos em duas classes conforme possuam um perfil nominal ou relacional. Ao primeiro grupo pertenceriam as expressões nominais como nomes e pronomes; ao segundo, as expressões relacionais, como os verbos, que poderiam designar processos ou relações atemporais. Em decorrência da natureza nominal ou relacional das expressões, o autor propõe dois tipos de predicação: nominal ou relacional. Essa última predicação pode envolver um processo, que abarca verbos e suas implicações temporais; ou uma relação atemporal, ou seja, relações de estado, que, por sua vez, também podem estar ligadas a noções temporais.

A fim de exemplificar a descrição de GRENFELL [2004] para o papel dos conectores na conceptualização, reproduzo a análise de três sentenças dos dados da autora⁴. Na sentença (i), “*Na idade média, era normal considerar o exercício da crítica **uma forma de heresia***” [p. 97], o conector *uma forma de* liga duas entidades, *o exercício da crítica* (e_1) e *heresia* (e_2) num espaço de predicação relacional em que o conector é o elemento (e_3) de maior proeminência, porque é o responsável pela ativação da conceptualização. A figura (1), abaixo, ilustra o esquema imagético dessa conexão exposto pela autora [p. 98]:

⁴ A autora analisa trechos de língua escrita, recolhidos de jornais e revistas (*Folha de São Paulo, Veja, Isto é*), e de língua falada, extraídos do *corpus* do projeto PEUL-UFRJ.

Figura 1 – Esquema imagético da conexão de (i)



A entidade e_1 é o “**veter** que se transpõe por intermédio da entidade (e_3) até o **marco**, que se faz representar por heresia. Do ponto de vista conceitual, **veter**, **marco** e conexão constituem juntos relações de alta dependência” [p. 98, grifos da autora], propiciando um processamento integrado de todo o conteúdo. A autora destaca a importância desse conector na significação, já que sua ausência afetaria o sentido, na medida em que expressaria uma comparação simples entre *exercício da crítica* e *heresia*, ao passo que o conector *uma forma de* evidencia a existência de outras formas de *heresia*, além do *exercício da crítica*. Logo,

o estabelecimento da predicação relacional de estado (...) cria o perfil necessário para o surgimento dos sentidos, por isso acha-se, na conexão, o ponto culminante da ativação da conceptualização dos sentidos pretendidos. Tudo isso é uma evidência da linguagem como forma de enquadramento das entidades e processos cuja existência relativa é posta em figura ou fundo⁵, ou se redimensionam os cenários, que são ampliados ou reduzidos, entre outras ações. [p. 98-99].

Na sentença (ii), “*Em tese o senhor alinha-se ao governo, mas na prática o critica frequentemente*” [p. 99], o conector *mas* liga dois eventos: ev_1 – *em tese o senhor alinha-se com o governo* – e ev_2 – *na prática o critica frequentemente*, **veter** e **marco**, respectivamente. O conector *mas* é responsável pelo sentido produzido e ativador fundamental ao processo de conceptualização.

Já na sentença (iii), “*Antes de derrubar o ditador, o soldado hasteou em sua cara a bandeira americana*”, o conector *antes de* “*acrescenta a toda seqüência a noção de tempo, pois sua função é justamente a de situar no tempo os dois eventos que conecta*” [p. 100]. O evento *hastear a bandeira* (ev_1 – **veter**) é um processo que ocorre no tempo antes do segundo evento (ev_2 – **marco**) – *derrubar o ditador*. Também nesse caso, segundo GRENFELL [2004, p. 100], o conector ativa o processo de conceptualização.

A autora destaca que as conexões podem envolver vetores que não estão materializados

⁵ As noções de *figura* e *fundo* originam-se na Gestalt (psicologia cognitiva), no trabalho de KOFFKA [1975], que estabelece duas dimensões para a percepção do plano ambiental (espaço): o plano dos elementos perceptualmente mais salientes e um plano de fundo, que funciona como moldura em relação ao plano de relevo. Tais conceitos foram inseridos nos estudos lingüísticos por HOPPER [1979] e tomados por TALMY [2000, *apud* GRENFELL, 2004] em seu estudo sobre o espaço.

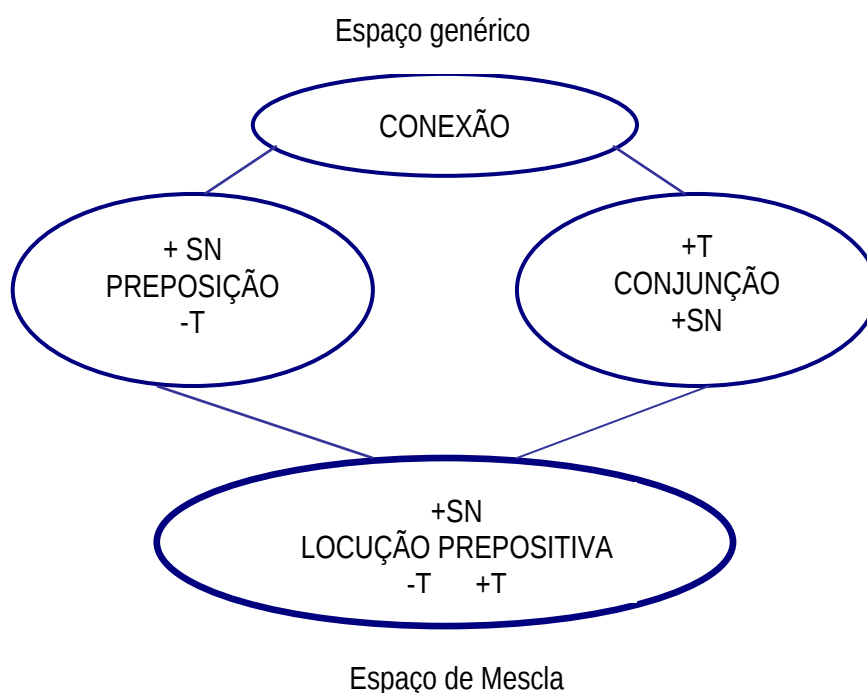
lingüísticamente, porém estão presentes na memória dos usuários, porque

não importa o nível em que se dê a conexão: se no interior da oração, entre elementos, ou se conectando orações a algum tipo de texto ou de discurso; as conexões serão, em quaisquer casos, estruturalmente idênticas (...) serão sobretudo produzidas cognitivamente de modo idêntico (...) um mesmo conector pode ligar indistintamente tanto entidades, quanto processos. [p. 107].

Portanto, a despeito de serem denominados preposições, locuções prepositivas ou conjunções, os conectores desempenharão igualmente o papel de estabelecer “liames, acarretando as conseqüências advindas das particularidades semânticas inerentes a cada um deles, porque remetem à construção de um cenário comum em que entidades e processos se relativizam” [p. 107]. Assim, em termos de processos cognitivos, os vocábulos que integram a categoria dos conectores atuam de forma similar e regular na conceptualização.

De acordo com GRENFELL [2004, p. 129], as locuções prepositivas partilham traços com conjunções, porque estabelecem relações atemporais e temporais; e com preposições, porque ligam entidades e relações temporais. Assim, existe uma integração conceptual entre esses três tipos de vocábulos, que representam os mesmos esquemas de imagem: o caminho percorrido por vetor de um ponto a outro para o estabelecimento de uma relação. Esse partilhamento de esquemas imagéticos produz o fenômeno da mescla [FAUCONNIER E TURNER, 2002]. Na figura (2), abaixo, exponho a representação da mescla apresentada por GRENFELL [p. 131]:

Figura 2 – Processo de mesclagem em conectores

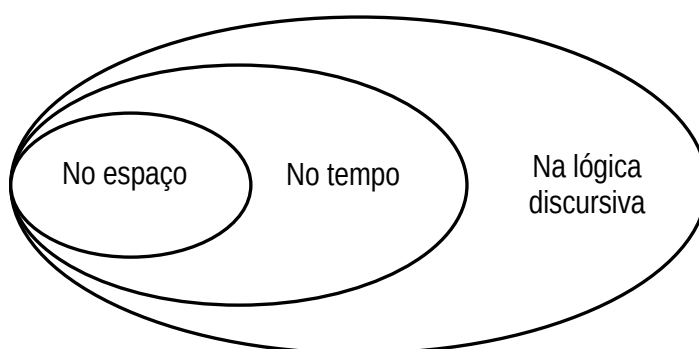


No espaço genérico de conexão, estariam representados elementos comuns aos dois *inputs*. No espaço *input I*, encontram-se os tipos de conexão realizados pelas preposições: em ambientes de sintagma nominal, com ausência de tempo (+SN –T). No espaço *input II*, observam-se as conexões típicas de conjunções: em ambiente de sintagma nominal e relações temporais (+SN +T). No espaço da mescla, um espaço de integração de elementos comuns aos dois domínios-fonte, verificam-se as possíveis conexões das locuções prepositivas, em contextos com sintagmas nominais (SN), assim como relações temporais (+T) ou atemporais (–T).

Como o escopo de GRENFELL [2004] é a descrição das locuções prepositivas como conectores, em termos de categoria como um todo, não foi apresentado um detalhamento descritivo das tradicionais locuções prepositivas mais usuais no português no que tange à radialidade. O *através de* só aparece em exemplo de língua escrita em todo o *corpus*, “*Políticas públicas são implementadas através de orçamento e de sua liberação sistemática pela área econômica*”, que a autora analisa, no mesmo grupo de outros elementos⁶, com objetivo de mostrar a abstratização do espaço projetado metaforicamente e a radialidade em termos gerais, como um conector que, do ponto de vista discursivo, “*revela uma simetria cognitiva, isto é, um alinhamento conceitual que permite supor mais de um elemento ocupando o mesmo lugar numa dada cena*” [121].

De fato, o dado apresentado por GRENFELL [2004] ocuparia uma posição mais periférica, mais abstrata em relação ao uso de *através de* com sentido de atravessar de um ponto a outro um espaço. Assim, baseada em todo o arcabouço apresentado até aqui, postulo a seguinte representação para a radialidade desse conector (figura 3):

Figura 3 – Escala de prototipicidade de *através de*



⁶ A saber: *por causa de*, *de acordo com*, *apesar de*, *em torno de*, *em virtude de*, *a fim de*, *a respeito de*, *um tipo*

A conceptualização é realizada sob a atuação de dois tipos básicos de metáfora: uma de natureza estrutural, quando um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro; outra de natureza orientacional, quando um sistema de conceitos é organizado em relação a um outro. As metáforas orientacionais surgem da experiência física dos corpos no espaço ambiental, conferindo orientação espacial aos conceitos, como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA. Entre as orientações mais básicas, encontra-se a relação espacial centro-periferia, presente nas escalas de prototipicidade [LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 59], como a apresentada na figura (3).

O emprego de *através de* em sentenças como (1), *A bola passou **através da** rede*, que denota o sentido mais concreto de um objeto percorrendo um caminho, um espaço, estaria no centro, na base da conceptualização mais corporificada, já que, ao interpretar o sentido dessa frase, um esquema imagético de algo se movimentando, à semelhança da experiência física de caminhar, é projetado num espaço mental. Essa conceptualização é estruturada pela metáfora do CANAL, a saber: IDÉIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS, EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES DE SIGNIFICADOS, COMUNICAÇÃO É ENVIAR.

A metáfora do CANAL expressa uma dimensão metalingüística, na medida em que estrutura a conceptualização do processo de comunicação, por meio da linguagem, como um falante que “*coloca idéias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (através de um canal) para um ouvinte que retira as palavras-objetos das palavras-recipientes*” [LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 54]. Nesse sentido, a metáfora do CANAL pode envolver situações em que diferenças contextuais são irrelevantes, porque as duas primeiras asserções implicam que palavras (sentenças) possuam significados independentes de contexto. Daí essa metáfora fundamentar o sentido mais prototípico de *através de*, ligado ao seu étimo, presente no conhecimento de língua portuguesa partilhado pelos seus falantes.

Contudo, “*conceitos metafóricos podem ser estendidos para além das formas literais ordinárias de se pensar e de se falar, passando para o domínio do que se chama de pensamento e linguagem figurados, poéticos, coloridos ou fantasiosos*” [p.57]. Assim, saindo do âmbito da metalinguagem, raciocinar em termos de IDÉIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS [QUE SE MOVEM] permite a conceptualização da mudança de posição da bola, deslocando-se de um ponto a outro em sua trajetória no espaço imagético. No sentido produzido pelo conector *através de*, também atua a metáfora CAMINHO É UMA SUPERFÍCIE,

de, uma espécie de, uma forma de.

subjacente aos seus três níveis de significação.

O sentido de *através de* que envolve uma relação temporal, como na sentença (2), **Através dos anos dedicados à mesma tarefa sua experiência foi reconhecida**, é estruturado pela metáfora TEMPO É UM OBJETO IMÓVEL, ATRAVÉS DO QUAL ALGUÉM(ALGO) SE MOVE. A relação com tempo pode ser vista sob dois pontos de vista: um objeto se move ao longo do tempo, ou um objeto fica parado e o tempo passa por ele. Ambos os pontos de vista são fundamentados na concepção de que o tempo passa pelas pessoas, da frente para trás [LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 103]. Logo, em (2), o enquadre conceptual é que o tempo, representado no **vetor**, *anos dedicados à mesma tarefa*, se relaciona à *experiência reconhecida* pelo conector *através de*.

Os usos mais abstratos de *através de* também são estruturados pelas mesmas metáforas subjacentes ao sentido mais prototípico, devido à espacialização das formas lingüísticas, porém o espaço percorrido pelo **vetor** até entidades e processos é mais sensível ao contexto, já que o tipo de entidade/processo contribui para interpretação da superfície percorrida se encontrar na lógica discursiva. Assim, na frase (3), *Conseguiu a promoção através de atitudes antiéticas*, o conector liga o **marco** (*a promoção*) e o **vetor** (*atitudes antiéticas*), percorrendo o espaço discursivo, que pode ser denominado conceitual.

Nos três sentidos expressos pela conexão estabelecida por *através de*, observa-se o alinhamento conceitual postulado por GRENFELL [2004, p. 121], pois **vetor** e **marco** passam a ocupar o mesmo espaço na cena discursiva. No entanto, é preciso refletir mais sobre as nuances semânticas desses usos, a fim de verificar se os três níveis de escala de prototipicidade recobrem todas as possibilidades de atuação desse conector na produção de sentidos.

Um aspecto a ser amadurecido quanto à semântica de *através de* é a noção de *meio/modo* ou de *instrumento* para transpor algo, ou algo ser transposto, que parecem se manter na base do seu significado nas sentenças (1) a (3), provavelmente em razão de seu componente adverbial, reforçado pelo elemento *de*. Em (1), a *bola* transpõe *a rede* ao longo de sua trajetória; em (2), os *anos dedicados à mesma tarefa* é um meio/modo de comprovar *experiência*; em (3), *atitudes antiéticas* são um instrumento para chegar à *promoção*.

Passo agora ao cotejamento da restrição de ALMEIDA [1996, p. 57] ao emprego de *através de* no agente da passiva à luz da abordagem sociocognitiva, visando explicitar em que se fundamentaria tal posição. Pode-se considerar que a diferença entre as sentenças (4), *Os cheques foram enviados pelo deputado*, e (5), *Os cheques foram enviados através do deputado*,

encontra-se no enquadre conceptual em que são interpretadas.

Em (4), há duas possibilidades de conceptualização: (4.i) o *deputado* é a origem dos *cheques*, havendo, portanto, uma transferência de posse; e (4.ii) o *deputado* apenas foi o instrumento usado para levar os *cheques* ao seu destino. No primeiro caso, as entidades *cheque* e *deputado* ocupariam o mesmo espaço mental no enquadre conceptual ativado para processamento das entidades referenciadas na sentença; no segundo, *deputado* e *cheques* estariam em espaços diferentes, ou seja, abre-se um enquadre conceptual em que cada entidade se encontra em seu respectivo espaço de representação referencial. As figuras (4) e (5), abaixo, ilustram, respectivamente, a conceptualização de (4.i) e (4.ii).

Figura 4 – Enquadre conceptual de (4.i)

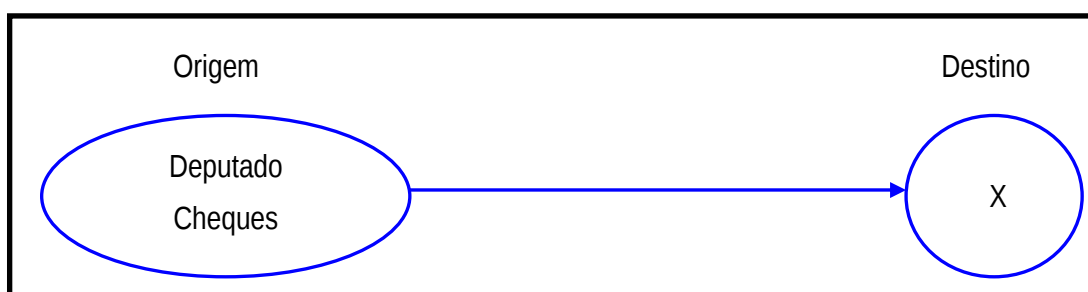
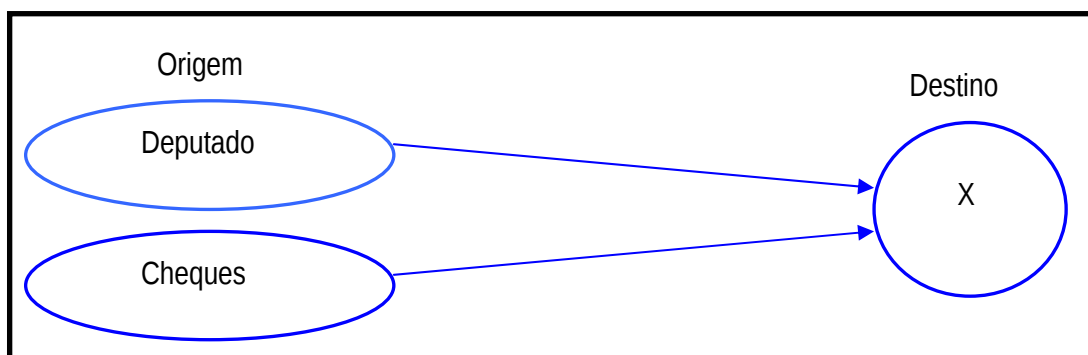


Figura 5 – Enquadre conceptual de (4.ii)



Em (5), *Os cheques foram enviados através do deputado*, só concebo a leitura de que *deputado* é um *instrumento* da transferência de posse do *cheque*, devido ao sentido ativado pelo conector *através de*. Logo, o enquadre conceptual ativado na conceptualização encenaria o *cheque* em espaço distinto do espaço de representação de *deputado*, como ocorre em (4.ii). O emprego de um conector que estabeleça apenas uma relação de meio-fim não seria adequa-

do ao papel semântico de um agente da passiva, de natureza mais volitiva. Embora o conector *por* possa ser usado com o mesmo sentido de *através de* em certo contexto, este é um conectivo com carga semântica específica, encaminhando a leitura para a relação meio-fim.

Na sentença (6), *Conseguiu o emprego através do bispo*, um uso ilustrado como “*horripilante*” em ALMEIDA [1996, p. 57], interpreto que a entidade *bispo* valeu-se de sua influência, a fim de favorecer alguém. Dessa forma, além da projeção metafórica que estrutura a conexão de *através de*, ligando duas entidades no espaço discursivo, verifico a projeção metonímica PESSOA PELO ATO. Isso permite referenciar a entidade *bispo* de modo a destacar sua importância no evento encenado, uma função que aproxima metonímias e metáforas.

Segundo LAKOFF E JOHNSON [2002, p. 93], diferentemente da metáfora, cuja função primordial é a compreensão, a metonímia exerce uma função referencial, porque propicia a representação de uma entidade por outra. Contudo, não é meramente um recurso de referencição, já que permite o entendimento ao selecionar aspectos particulares da entidade referenciada.

A metonímia assemelha-se a metáfora, ainda, por não consistir apenas em um recurso retórico ou poético, mas estar presente no modo como se age, pensa e fala no dia a dia. Conceitos metonímicos “*estruturam não somente nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, também, baseiam-se na nossa experiência*”. Em geral, “*envolvem associações físicas e causais diretas*” [p. 97], apresentando, assim, uma fundamentação mais óbvia que a dos conceitos metafóricos, porém tão sistemáticos quanto estes últimos.

Portanto, assim como ALMEIDA [1996, p. 57] considera um exagero só empregar *através de* quando o sentido for de um lado a outro, não vejo problema no uso ilustrado em (6), dada a possibilidade de percepção da metonímia por parte dos falantes e o modo como essa forma de referencição atua na conceptualização discursiva. A inadequação desse uso estaria circunscrita à questão do registro requerido pelo tipo de discurso a ser produzido (coloquial ou formal, por exemplo).

No que tange à inadequação de *através de* em agente da passiva, embora falte uma explicação para tal recomendação nos compêndios gramaticais, a produção de sentidos diferentes conforme o conector, me leva a considerar essa norma relevante. Todavia, é necessário um aprofundamento das reflexões pontuadas sobre isso, em razão da possibilidade de *por* conectar noções envolvendo agente e instrumento.

Findos o tempo e o espaço, pude perceber que as classificações presentes nas gramáticas

normativas para os sentidos expressos pelas tradicionais preposições e locuções prepositivas não são equivocadas; no entanto, falta-lhes uma descrição de como e por que empregar tais vocábulos. As abordagens alternativas à tradição vêm acrescentando importantes aspectos do funcionamento dessas formas na língua, bem como propiciando discussões sobre suas fronteiras em termos de classes de vocábulos.

A abordagem cognitiva revelou fecundidade e adequação para explicar o papel dos conectores na compreensão do discurso. Contudo, vários aspectos apenas rascunhados neste texto precisam ser aprofundados, para que se reitere a amplitude explicativa dessa área da lingüística.

Bibliografia

- ALMEIDA, N. M de. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo: Ática, 1996.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CAMARA JR. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIAS, M. C. P. Revendo as locuções prepositivas. In: HEYE, J. (Org.). *Flores Verbais*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____; TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.
- GOFFMAN, E. *Frame analysis*. New York: Harper and Row, 1974.
- GRENFELL, A. T. M. *Sobre locuções prepositivas em hipótese cognitivista*. 2004, 166 p. Tese (Doutorado em Letras) UFRJ. Rio de Janeiro.
- HOPPER, Paul J. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, Talmy (ed). *Syntax and Semantics Discourse and Syntax*. New York: Academic Press, 1979. 12. v., p. 251-99.
- KOFFKA, K. *Princípios da psicologia da Gestalt*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- _____; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.
- LANGACKER, Ronald W.. *Foundations of cognitive grammar vol. I: theoretical prerequisites*. Stanford/California: Stanford University Press, 1987.

- _____. *Foundations of cognitive grammar vol II: Descriptive application*. Stanford/California: Stanford University Press, 1991.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- MIRANDA, N. S. Domínios estáveis e projeções entre domínio: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 81-95, 1999.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PUTNAM, Hilary. *Razão, verdade e história*. Tradução de António Duarte. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção de sentidos e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.
- TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.